



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 6 de Dezembro de 1975 * Ano XXXII — N.º 828 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

Dia Mundial da CRIANÇA

Ocorreu ontem. Pouco se viu ou ouviu a lembrá-lo nos meios de Comunicação Social. «Outros valores mais altos se alevantam», que não dão vez a este tema.

Que de criancices anda o mundo cheio!, mas sem a ingenuidade e a pureza — e a inocuidade — de que até as tolices dos miúdos são temperadas.

«Homens, sêde Homens!» — eis uma súplica de Paulo VI que nunca se apaga nos nossos ouvidos. Parece um lugar-comum, de tão fundamental o conteúdo da afirmação — e é uma verdade tão irrealizada neste pobre mundo de que somos responsáveis! Como se hão-de consolidar estratos superiores se este alicerce não é?!

Outra voz papal levantara, nos anos quarenta, o grito de à cruzada por um Mundo Melhor. Urgia arrancar multidões de homens à sub-humanidade em que jaziam, fazê-los passar de uma condição animal à condição humana. Referia-se Pio XII ao Terceiro Mundo que mancha imensos espaços geográficos e a todos os grupos humanos em que a miséria impera.

Trinta anos volvidos, face à persistência de tantas formas de escravatura, perguntamo-nos se os que presumem de Grandes, dos quais tem dependido a vida temporal das Nações, não têm dado provas sobejas de animalidade selvagem que os constitui, eles-mesmos, objecto primeiro desta arrancada. Sem que os homens ditos civilizados sejam Homens, como poderão levantar os caídos a essa mesma condição? E como poderão proporcionar às Crianças de cada tempo o clima indispensável para que elas se possam formar sãmente, sem traumatismos, sem complexos, em ordem ao Homem que amanhã se espera delas?

Continua na QUARTA página

Tribuna de Coimbra

● Sempre desejei conhecer Portugal em todo o seu território. Ao serviço do Património dos Pobres percorri quase todas as terras de Portugal continental. A ida e a vida das nossas Comunidades de Angola e Moçambique deram-me a conhecer essas que são agora duas jovens Nações. Numa das viagens de regresso o avião militar misto que nos conduzia, fez escala em S. Tomé e Guiné. Foi uma tarde e uma noite em cada terra. Num dos voos sobrevoámos Cabo Verde.

Tudo era Portugal. Todos tínhamos obrigação de ser uma grande família animada pelo amor. Foi o amor familiar que me levou a estas cinco jovens Nações irmãs. Hoje têm a sua vida autónoma. Senti por lá (e também por cá) a exploração da liberdade e da economia, a exploração do homem. Receio que a mesma exploração continue com exploradores diferentes. Desejo que sejam Nações livres, onde cada cidadão tenha seu lugar.

● Depois de conhecer a terra portuguesa aceitei passar fronteiras e Roma foi a meta. A amizade de minha irmã foi que me deu esta viagem. Fui como cristão, inserido num pequenino grupo cristão. Éramos cinco, sendo dois estudantes em Roma. Partimos de comboio da Estação Velha de Coimbra ao fim do dia solar. Era já noite dentro do outro dia

quando descemos em Lourdes, depois do transbordo e horas de espera em Hendaya. Mesmo de noite ainda fomos dar uma vista de olhos ao Santuário, onde tinha terminado a procissão de velas. Dia seguinte foi todo para Lourdes. Muito turismo, mas muita gente a rezar. A gruta convida à oração.

Cont. na TERCEIRA pág.

«O LODO E AS ESTRELAS»

O interesse dos Leitores pel' «O LODO E AS ESTRELAS» permanece no mesmo nível da primeira hora! Não vem dia ao

mundo sem despacharmos requisições desta obra do Padre Telmo! E a maior parte das pessoas não deixa de solicitar, inclusive, algumas obras de Pai Américo. E mais ainda: cresce o número dos que não se dispõem de oferecer livros da nossa Editorial ou, então, de motivar amigos e familiares para todos e cada um dos títulos da nossa colecção.

E o que será durante a época natalícia?...

Mas, quando a gente pega na caneta, somos logo tentados a calar o bico, para dar a palavra ao Leitor!

Aí vai Porto:

«Já li e reli várias vezes este poema de amor: «O LODO E AS ESTRELAS». Impossível ficar insensível! Os nossos olhos vêem, o coração sente e o sangue ferve.

Que todo o amor que dele transpira vá deixando uma centelhazinha em cada coração que o souber entender. É preciso amar muito para ter a força de escrever com a vida um poema assim. Realmente, só os «loucos, os apaixonados».

Cont. na QUARTA pág.

AQUI, LISBOA!

A Obra da Rua, traduzida na prática pelas Casas do Gaiato, tem merecido a atenção de inúmeras pessoas desde a sua fundação.

Primeiro, como simples curiosos. Depois, com uma frequência acelerada, acabam por se tornarem nossos Amigos.

Militâncias políticas ou diversos credos religiosos não nos perturbam, pois continuamos a ser a Porta Aberta. Todavia, que isto não sirva para gerar dúvidas no espírito de alguém. A Obra da Rua é intransigentemente uma Obra da Igreja.

Cont. na TERCEIRA pág.



Casa do Gaiato de Lisboa: eles e a máquina tratam da colheita. É a terra que nos dá o pão!

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

ELEIÇÕES — São um acto essencialmente sério e de grande responsabilidade. Visa a escolha. O resultado expressa a vontade dum maioria. Vontade essa que se não pode alienar em proveito doutrém que não seja essa maioria, ainda que, por artes de berliques e herloques se queira identificar com ela. Não é assim?

Não sou pessoa autorizada no assunto e, por isso, estou muito condicionado. Venho apenas abordar este tema porque desde sempre nós fazemos eleições e parece-me que são eleições.

Não há listas pré-fabricadas. (Não temos também necessidade delas pois nos conhecemos todos.) Não há campanha eleitoral com imagens, cartazes, filmes e interrupções sonoras para «slogans» rápidos e melosos (não são isto factores que condicionam a liberdade?). Somos livres na escolha. Se há dúvidas esclarecemo-nos sem que haja fações que se nos mostrem, muito bem pintadinhas e maquilhadas para no fim nos impingirem as suas ideias (ou ideias de outrém apadrinhadas para usufruir de certos proveitos). Não! Se há quem se arrependa pois a culpa é dele e exclusivamente.

Como fazemos, então, as eleições? Porque o acto é sério e sérios deverão ser os eleitores e, ainda, porque nos conhecemos uns aos outros, poderíamos fazer eleições de braço no ar. Sim, poderíamos se todos fossem coerentes com as suas ideias, mas tal não sucede pois há sempre quem tenha pela primeira vez direito a voto e por isso há sempre espíritos influenciáveis. E mais, a exemplo de muitas eleições ganhas à priori pela maioria de braços no ar dos eleitores profissionais, poderia haver braços no ar comprados. Também não vamos para todo o aparato. Não temos câmaras de voto ultra-secretas. Não! Querendo, qualquer carteira é secreta. Não temos urnas com abertura pequena onde apenas cabe um papel de voto dobrado em quatro partes e só assim (mas por onde deve ter entrado a maioria com a maior facilidade?). Não! Para o efeito serve uma simples caixa de sapatos, sem tampa; onde não entram papéis desdobrados, mas também cabiam.

Fazemos um primeiro escrutínio. Se não houver quem vença pela maioria absoluta procede-se a um outro e identicamente a um terceiro. Se no terceiro não houver ainda a maioria absoluta então sim, vencerá num quarto a maioria simples.

E agora, qual a vontade que prevalecerá? Obviamente que será a da maioria e os outros, ainda que coerentes com as suas ideias, hão que acatar a vontade, o resultado das eleições.

Fizemos há dias as nossas eleições. Exigência do início do novo ano escolar. Desde o princípio se verificou haverem três grupos distintos e de quase igual número de votos. Mantiveram-se coerentes nos três primeiros escrutínios (sinal que tomaram muito a sério o acto a realizar). No quarto houve um êxodo quase geral para um.

Assim ficaram eleitos: Manuel António (ex-«Pretito»), chefe maiorial; José António de Sousa, segundo chefe e chefe da oficina da carpintaria; João Antunes do Nascimento (João-zito), chefe da quinta; Fernando Ribeiro, chefe do gado.

São ou não eleições? Ficou ou não expressa a vontade dos eleitores? Pois temos quase a certeza que será esta vontade que se seguirá ao longo deste ano (sem haver usurpações de autoridade).

Que sejam felizes e que nos ajudem a sê-lo também.

«Lita»

PAÇO DE SOUSA

MÚSICA — Em nossa Casa há muita inclinação para a música. E a cada passo se ouve dizer:

— Ah! se eu soubesse tocar assim viola!...

E não pensem os leitores que é só viola, mas todos os outros instrumentos, quer sejam de percussão ou de sopro.

Todos, ou pelo menos quase todos os Rapazes têm inclinação para a música.

Assim, cá em Casa, já se anda a aprender música, ensinada pelo nosso mestre de alfaite que toca numa Banda aqui dos arredores. Ele tira um pouco do seu dia-a-dia para nos vir dar essas aulas que tanto nos instruem.

E já que falei em música aproveito para pedir aos Leitores se nos poderiam enviar alguns instrumentos. Sei que nos ajudareis, não importa ser já, mas com o tempo tudo se vai arrançando.

Contamos convosco. Obrigado.

ESPERANÇA — Não sei se os leitores se lembram de, no n.º 823 do nosso jornal, sair na crónica de Paço de Sousa «Partida». Referia-me à menina Trindade.

Pois como disse que um dia ela voltaria, ainda estou esperançoso que isso venha a acontecer.

Se não vier para cá, ao menos venha visitar-nos. Ou não o merecemos? Acho que sim.

Venha; a Casa é sua!

OBRAS — Aproxima-se o Inverno. Com ele os trochas estão a tentar pôr os nossos balneários em condições.

Foram empregues nos balneários canalizações novas, assim como chuveiros e instalação de água quente para assim podermos tomar banho.

As obras ainda não estão completamente acabadas. O chão precisa de uma remechidela, assim como o tecto que está a ficar esburacado.

É pois mais um dos muitos trabalhos a fazer em nossa Casa.

Até breve!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Se Zé respira fé!

Estar com ele — condenado pelo cancro numa perna — é vogarmos pelo Alto, horas sem conta.

— Está melhor?...

— Nós estamos até uma maré. Sabemos todos disto..., todos.

— Agora, custa-lhe mais a andar? Abre os braços. Sorri. Faz uma pausa. E carrega o sobrolho.

— O pior é q'ando me dá aquela cousa! Mas o Senhor dá Força...

Outra pausa. Novo sorriso. E continua:

— A gente está sempre à espera. Q'ando ela chega à porta, q'ando chega..., tem de ser. É q'ando Deus quiser.

E, das Alturas, Se Zé também desce na vertical:

— Vá lá! Agora já nos estão a dar quinhentos mil réis. Graças à Senhor! Se eles (Casa do Povo) não falharem com aquilo...

Percorremos as escadas. Calmamente. Parámos algumas vezes. E boca fechada, para ouvir mais cânticos à Morte, da boca dum Vivo! Que grande alma a do Se Zé!

● Vinha affito. Nervoso. «Arrombaram a minha casa! Deram cabo da fechadura...»

Ouvimos.

Ele, que é só, já quase venceu o temperamento nómada!

— E vidros partidos! Mais vidros partidos!...

Com ou sem razão, ele não é do agrado de muita gente. Sabemos. Aliás, quando se é verdadeiramente Pobre, «quanto mais longe, melhor!» É a mentalidade reinante, apesar das muitas teorias que por aí abundam. Teorias!

Hoje seria um autêntico Marginal, porque marginado inclusivé pelos da sua carne!

Chegou a viver como se fosse da pré-história: numa toca! Acudimos. Deu-se-lhe tecto. E mais — sem êxito. A solução ideal, porém, não tardou: pôr-lhe a mesa duas vezes ao dia. São 30\$00 diários, ou seja 900\$00 por mês. Psicologicamente, daí para cá, houve uma mudança de comportamento. É outro homem. Encontrou o seu ambiente. Não é encargo nem preocupação para ninguém, sobretudo para os de «quanto mais longe, melhor!»

Ora o nosso homem, no caso vertente, poderia ter abordado a autoridade. Não senhor: «Preciso já dum fechadura. Eu ponho.»

Calámo-nos, também. Se ele fosse o réu, teria sido humilhado por muito menos. Ai a lição!

Lá foi tratar da fechadura.

PARTILHA — Abrem a procissão «Duas dedicadas Figueirenses», de Figueira de Castelo Rodrigo, com 20\$00. Mais 60\$00 e 150\$00 de A.F., do Porto, «por alma de minha Avózinha, Ciren». E mais de S. Mamede de Infesta:

«(...) Como recebi mais um pouco de dinheiro, qumento de ordenado

e algum que estava em atraso, não o quero só para mim. Quero algum para render no Banco da Providência onde pagam maiores juros.»

Outro sufrágio:

«Por alma de meu Marido e de minha santa Mãe, para aquilo que mais precisar a Conferência — 100\$00.»

Mais uma lembrança — 100\$00 — de uma Assinante de Coimbra, «que pede ao Senhor que a ajude a não se esquecer daqueles que precisam». Outra, de Estremoz. E mais outra, de 20\$00, «para o Pobre mais pobre pela graça de eu ter trabalho». Cinco vezes mais de Odivelas. E, por fim, 50\$00 de um Médico muito amigo, de algures.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DE COIMBRA

Recomeçou mais um ano lectivo. Para alguns de nós muito desejado; para outros não tanto, porque não foi um ano efectivamente regular para começo. Devido ao ambiente político e ao atraso das colocações dos professores não começaram as aulas quando se esperava que começassem.

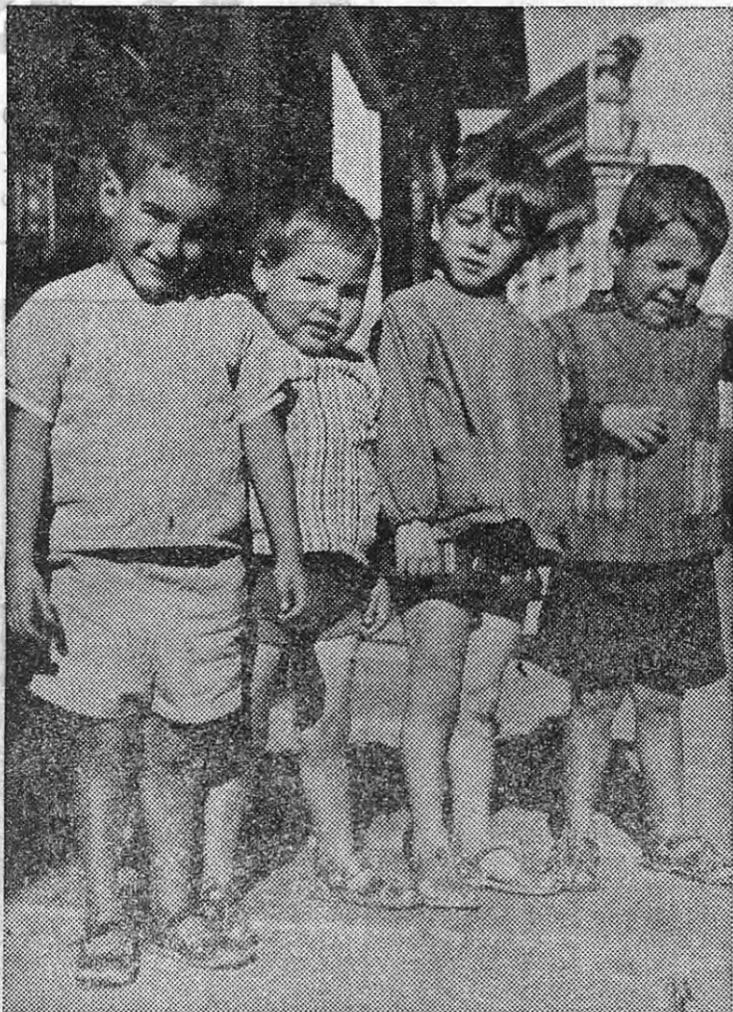
Para os nossos do Colégio as aulas começaram mais cedo; eles este ano têm aulas no S. Pedro; as razões que levaram a isso foi que os Colégios particulares de Coimbra decidiram formar uma cooperativa. Ao começar este ano, eu espero que ele seja efectivamente bom, porque todos nós viemos para o Lar para nos formarmos e prepararmos para a vida, ajudados por Deus que não nos deixa só nos momentos difíceis.

As aulas do Ensino Técnico, depois de haver uma certa espera, começaram, embora não todas. Por isso, continuamos à espera que este ano não seja mal aproveitado. Os nossos do Colégio, que são quinze, parecem andar bem com as aulas; vão todos os dias e vão contentes por terem uma maneira de mostrar que gostam de ser válidos para a sociedade de amanhã.

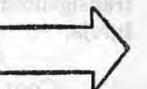
Somos três no Ensino Técnico; as aulas não decorrem ainda normalmente, visto que não temos todos os professores, mas mesmo assim procuramos trabalhar para que não nos venhamos a arrepender mais tarde.

O Zé Domingos continua no Magistério Primário e espera acabar este ano e nós também esperamos que assim seja.

REGRESSO — Depois de quase dois anos de ausência na Casa de Miranda do Corvo, onde fez um trabalho muito válido, tanto na escola como no curso dos adultos, como também no resto da vida de Casa, o



Agostinho, Tó, Armelino e Manuel — quatro «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — posam para os Leitores, no Dia Mundial da Criança.



Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA pág.

O nosso dia também foi para rezar. Foi um dia feliz.

Partimos à mesma hora a que tínhamos chegado e o sol já tinha duas horas quando atravessámos a fronteira franco-italiana e era noite há três horas quando o comboio chegou a seu termo e nosso também — Roma.

● O primeiro encontro na manhã seguinte foi na Praça de S. Pedro. Foi ali que nos encontramos muitas vezes. A Praça de S. Pedro e a Basílica são o centro da Cristianidade. Ali encontra-se o espiritual com a arte. Os visitantes são sempre uma multidão e o mundo inteiro encontra-se ali.

A Praça transforma-se quando o Papa se encontra com os cristãos. É o mundo em oração. Tivemos a felicidade de celebrar a Palavra do Senhor e a Eucaristia com o Papa, no domingo que ali passámos. Foi também nessa Missa canonizada S. Justino de Jacob, bispo missionário na Abissínia. A grande Praça, a transbordar de fiéis e a diversidade de vestes orientais e africanas à mistura com o resto do mundo, foi também um panorama de maravilha.

Na quarta-feira seguinte, ao fim da tarde, a Praça tornou a encher-se para a audiência papal. Paulo VI falou em cinco línguas, incluindo a portuguesa. Com a palavra e com o gesto disse da simpatia que merece a seu coração o Povo Português. O tema da sua palavra foi a pergunta de Paulo a caminho de Damasco: — «Que queres de mim Senhor?» Que quer o Senhor de cada um de nós? — Quer o nosso sim por amor à Sua vontade.

O Papa é uma figura huma-

na que nos arrasta ao espiritual. Sentimos verdadeiramente a presença de Cristo. O seu rosto humano anda marcado pelos sofrimentos do mundo actual.

● Um dos nossos dias foi para Assis. Três horas de comboio para cada lado. Assis, dizem, conserva a fisionomia do tempo de Francisco e de Clara. Mergulhamos ali na pobreza e na humildade. O nosso tempo necessita destes mergulhos. Perder a vida para A encontrar. O mundo actual, com suas seduções, arrastamos. Arrasta-nos para aquilo que diz ser grandeza. Grandezas mundanas que Francisco e Clara também tiveram de repudiar. São testemunhas deste repúdio a Porciúncula, a Capela de Trânsito, a cripta, as rolas, as roseiras, a ovelha, a solidão de cárceres; o coro, jardim, vestes e corpo incorrupto de Clara. Assis ajuda-nos ao encontro com a Natureza e com Deus.

● Também descemos às Catacumbas de S. Calisto. Juntámo-nos a um grupo de

espanhois. Da história já tínhamos umas luzes. Mas que mistério de luz e de fé e de confiança nós respiramos naqueles subterrâneos! Os sepúlcros dos heróis da fé! Que imensidão de Sobrenatural que respiramos nos corredores que se cruzam em todos os sentidos! A Missa que celebrámos naquela Capela subterrânea deu-nos o sabor de divino! Tiveram razão os heróis-cristãos daquele tempo!

● Roma antiga. Foi o centro do mundo. Pelos grupos de todo o mundo que a visitam continua a sê-lo. O que estudámos de história e de arte ali tem imensos vestígios: o Coliseu, os Forum imperiais, as termas da Caracala, o Panteon, os templos, as fontes, as ruínas dos palácios. Tudo ali nos fala da glória mundana que marca cada época da história, glória mundana que vai passando também.

● Um centro de extraordinário interesse é o museu do Vaticano. Foi pena termos poucas horas para o ver. Ali não havia de haver horas con-

tadas. A Capela Sixtina é um poiso. Ali é mesmo para quedar. Parar e ficar. Ficar em êxtase. Olhar a vida do Além que Miguel Ângelo quis tornar presente.

As salas são sem conta e todas cheias de arte e artistas. São estátuas e pinturas, mas em tudo parece haver vida. A multidão contínua de visitantes alimentam também aquela vida.

● Depois de todos estes encontros, encontros maravilhosos e também de espiritualidade, regressámos. Foram cinquenta horas de viagem.

Regressámos felizes. Ficou-nos uma mágoa na alma: que todos que o desejam não possam ir a Roma — e ir no Ano Santo.

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA pág.

Quando muitos se juntam ao nosso redor é de admitir que existam ideias diferentes sobre a figura do Mestre. Para uns, Ele é um Mito a juntar aos vários existentes nas sociedades materialistas. Para outros, um Profeta cuja Doutrina não se adapta à época, por ultrapassada. E, mais correctamente, para outros ainda, o Filho de Deus feito Homem, vindo à terra para uma Missão libertadora.

Dentro desta temática, fomos visitados, recentemente, por grande número de presenças de uma paróquia lisboeta.

Antes de mais, há que evidenciar um aspecto diferente e novo nas relações entre irmãos; uns possuidores, outros necessitados. Uma atitude que se deve generalizar nos nossos meios a caminho da sociedade mais justa — que todos desejamos. Pena é que muitos ainda se mantenham no alto do seu «poleiro»; não cantando, mas ignorando ainda os Pobres que clamam por alguém que reparta com eles o indispensável à sua subsistência.

Eis uma revolução que começa a operar-se no seio das comunidades cristãs e muito importa intensificar! Revolução que obriga até membros não crentes — dessas mesmas

comunidades — a afirmarem-se como discípulos por obras praticadas, que ultrapassam as vulgares rezinhas de capelinha.

E as pessoas vêm até nós. Simples nos gestos e nas atitudes. Libertas do seu nome e importância. Sem quaisquer preconceitos.

Sujeitam-se ao nosso caldo. Contactam com a nossa vida de trabalho. Trabalham conosco! Vêm disfrutar alegria e partilhar os bens.

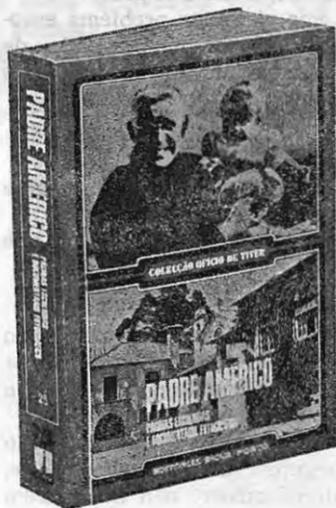
O testemunho evangélico do amor passa a ter uma vivência em comunhão. Quem vem até nós presta-nos um autêntico serviço. Ajuda-nos a crescer no âmbito das relações sociais. Dá-nos maior possibilidade de desembaraço na vida. Personaliza-nos!

Em troca, somos um complemento que falta a muita gente que, dispondo de bens suficientes, não se sente feliz nem realizada.

Perante as confusões da vida sabe bem observar e testemunhar com agrado que nem toda a gente é egoísta. Angariamos, assim, novas esperanças para continuarmos a procurar pôr em prática o total significado da palavra servir em reciprocidade e amor.

Jorge Cruz

«Padre Américo — Páginas escolhidas e documentário fotográfico»



Já referimos na edição de 12 de Abril p. p. que a Editorial Inova publicou, com nossa autorização, uma obra de 608 páginas sob o título «PADRE AMÉRICO — PÁGINAS ESCOLHIDAS E DOCUMENTÁRIO FOTOGRAFICO», integrada na sua colecção *Ofício de viver*, cujo preço de capa é 210\$00.

«Os textos desta antologia foram na sua maior parte publicados n' *O Gaiato* e, embora na maioria puramente circunstanciais, são outros tantos documentos, de pungente e funda humanidade, legados pelo Padre Américo. Através das posições por ele tomadas e das ideias que defendeu, esta antologia pretende oferecer não um ou outro aspecto da sua personalidade, mas o próprio cerne do seu pensamento.

A vida de um padre pobre ao serviço dos Pobres. Um padre que sabia, como ele próprio dizia, que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas provém da total concordância entre o que diz e o que realmente faz.»

Como se trata de uma obra séria, aconselhamos os nossos Leitores a fazerem os seus pedidos directamente à Editorial Inova, Rua do Paraíso, 281 — Porto.

«Lita» voltou este ano para o Lar de Coimbra.

Este foi um dos que teve de parar o curso, pois o MEIC tomou várias medidas, uma das quais era não se poder frequentar as Faculdades para o 1.º ano.

Primeiramente tinham que ir fazer o tal serviço chamado «cívico».

O «cívico» dele foi um pouco diferente, mas mais válido do que muitos.

No fim destes quase dois anos ainda teve uns pequenos problemas para entrar na Faculdade, porque não tinha estado integrado no MEIC.

Para já está matriculado na Faculdade de Engenharia.

Um dia destes, diz-me ele assim:

— Eh pá. Eu não vou ao plenário, porque os tipos querem que a malta sancione uns professores. Mas como vou eu dar a minha opinião se eu não os conheço? Claro, não vou! Bem, resta desejarmos-lhe um óptimo ano escolar e um curso em que na verdade ele encontre poucos obstáculos.

Fernando José Véstias

RETALHOS DE VIDA

O Joaquim Tavares



Sou natural da Catumbela, onde nasci em 1 de Julho de 1962.

Estive na Catumbela até aos 10 anos com a minha mãe. Aos 11, ela foi passar férias ao Balombo. Passado um tempo voltou doente e foi para o hospital. Quando saí do hospital soube que meu pai já tinha outra mulher. Mas como somos três irmãos, a minha mãe não nos podia sustentar. Houve uma Senhora muito amiga que nos trouxe para a Casa do Gaiato de Benguela.

Passado um tempo, começámos logo a trabalhar de vassoura, a varrer a nossa Aldeia e, depois, fui para a despensa e um dos meus irmãos foi para o refeitório e outro para a relva.

Estou a frequentar a Escola Primária onde me encontro na 4.ª classe e agora espero ser mais um homenzinho.

Não tenho mais nada a dizer. Um abraço do amigo

Joaquim Tavares

Cont. da PRIMEIRA pág.

Este livro vem na hora exacta! Pois nesta hora só o Amor poderá enfrentar o Ódio.

Eu atrevo-me a fazer minhas também as palavras que ouvi há tempos a alguém que foi um grande apaixonado de todas as Obras de Pai Américo, porque as compreendeu profundamente desde a primeira hora.

Dizia-me falando da Obra da Rua: «A Obra é por nós e para nós, os apaixonados, medirmos a verdadeira dimensão de Cristo. Quando um escritor escreve uma obra, ao colocar os seus personagens dentro dela, tem o fim em vista de atingir o Leitor. Ora Pai Américo ao escrever a sua Obra de carne e sangue (Obra da Rua) teve o fim pro-

«O LODO E AS ESTRELAS»

fundo de nos mostrar a verdadeira face do Evangelho de Cristo, Deus e Homem; a Sua verdadeira Doutrina humano-espiritual. Mas (dizia com tristeza), na imensidade dos Amigos da Obra quantos compreenderão esta dimensão? Tão poucos! Só os «loucos, os apaixonados». Se assim não fosse a nossa sociedade teria já encontrado o Caminho e a Obra continuaria em novas dimensões...

Castelo Branco:

«Aproveito para felicitar o Padre Telmo pelo magnífico li-

vro «O LODO E AS ESTRELAS», o qual, em pinceladas do mais alto realismo, nos dá conta da verdadeira epopeia de ignorados Irmãos nossos. Bem haja pela lição que a todos nos dá, recordando-nos o sofrimento, a abnegação, o altruísmo de quantos têm dado a vida para que a sociedade em que vivemos possa ser mais cheia de amor e menos egoísta.

(...) Para «O GAIATO» o desejo enorme de que possa continuar, e cada vez com mais fervor, a levar a Mensagem de Cristo a todos os corações portugueses.»

Mogadouro:

«(...) Sou amigo pessoal do Padre Telmo. Conheci, li e tenho a 1.ª edição de «O LODO E AS ESTRELAS». Agora, a obra está mais completa! Sabe?, emprestei o livro a amigos e ele já está a dar os seus frutos: venho fazer uma encomenda de 6 exemplares que pagarei, e o meu também, logo que os receba.»

Setúbal:

«O LODO E AS ESTRELAS» veio numa altura em que a sua leitura me consolou e suavizou

Dia Mundial da CRIANÇA

Cont. da PRIMEIRA pág.

Confusão, ódios, lutas fratricidas brotando do orgulho, de ambições incontidas, de recalques, produzem um ambiente apocalíptico em que a serenidade não tem lugar. Se ao nível das famílias é sabido quão nefastas são para os filhos as dissidências dos pais — que dizer ao nível das nações e do descontrolo dos seus chefes?, e ao nível do mundo as intrigas dos Grandes?

Páginas de jornais desperdiçadas com roupa suja — quem os pode ler? Claro que não há espaço para temas construtivos e já enfastiam as críticas que, por muita imaginação que haja, não podem deixar de repetir-se em inúmeras variações acidentais, porque o essencial duas palavras de bom-senso chegam para o dizer.

É neste mundo desencantado que crescem milhões e milhões de crianças e jovens que hão-de julgar, cheios de razão, a geração dos adultos. Mas — pior! — talvez deformados por eles, venham a contagiar em cadeia outras gerações de crianças e jovens, ameaçando o mundo de uma epidemia generalizada de loucura, como a História ainda não terá registado.

Isto no século das luzes, na era atómica e inter-espacial, em que a Ciência e a Técnica endeusadas mostram a evidência o «Colosso» com pés de barro!

Já agora recordo aquela palavra de Pai Américo no fecho

um pouco a minha alma tão perturbada.

Ele já está junto aos demais, na estante dos meus filhos, com uma dedicatória especial, pois mais tarde eles meditarão decerto nas palavras da Mãe e na grande doutrina que emerge destas obras.

É pouco o que vos envio desta vez. Mas, assim, «O LODO E AS ESTRELAS» não ficará de-

masiadamente perdido neste momento convulsivo e difícil para todos nós.»

Vilã Chã:

«Amigos:

Em «troca» de «O LODO E AS ESTRELAS» envio em postal registado com escudos.

Pouco é para o forte alerta que me imprimiu. Permaneço em dívida, mas... tentarei de quando em vez recordar que a possuo.

Pede ainda perdão pelo seu tardar a vossa Amiga...»

E o que fica, ainda, «debaixo do alqueire»?!

Júlio Mendes

Campanha de Assinaturas

Vai ser difícil, a curto prazo, aliviar a descida de tiragem motivada pelo êxodo africanista. A não ser que os nossos Amigos sigam as pisadas de Paulo de Tarso!

Temos alguns no meio da procriação. Uns mais, outros menos discretos. Todos com muito interesse em conquistar o maior número de novos Assinantes. Como este, de algures: «Mandem 50 fichas de inscrição para novas assinaturas a fim de ver quantas consigo». Pede, ainda, «ao especial favor» de não transcrevermos a carta desejando, no entanto, «ser informado do preço de cada inscrição, porque eu embora compre o jornal, tem sido avulso».

É evidente, como surgem e continuarão a surgir pedidos de esclarecimento, repetimos: a assinatura de «O GAIATO» é 50\$00 por ano. Mas o Assinante arrumará contas quando, quanto, como e se puder.

Por via deste problema escolhemos oportuna legenda de um Assinante, que passa diante dos nossos olhos.

Santarém:

«Finalmente, o assinante 24104 dá notícias!!

Aguardei serenamente que

da nossa Festa no Coliseu do Porto em 1954: «É preciso pôr Deus no seu lugar... é preciso pôr Deus no seu lugar...»

Enquanto os homens não chegarem a esta sabedoria e, humildemente, não começarem por aqui, dificilmente se atingirão Homens, depressa resvalarão em abismos de animalidade, que a máscara de uma falsa civilização não deixará iludir.

Padre Carlos

Júlio Mendes



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

PARTILHANDO

Vai-se vivendo dos séculos, bebendo ideologias mais arcaicas ou menos, lutando em frentes separadas com meios e fins diferentes e até contraditórios, porque é difícil viver o momento que passa, porque é amargo beber-se doutrinas que não envelhecem, porque é violento lutar em frente comum para alcançar o fim comum de todo o homem — o bem-estar a todos os níveis.

Somos tão diferentes na carne e no espírito! Tão semelhantes nas suas manifestações negativas e positivas! Ainda somos o que somos e não o que gostaríamos de ser ou deveríamos ou poderíamos ser. Muitos ainda são o que outros quiseram que eles fôsem e tantos outros que já nem são eles, nem os outros, porque as suas poucas forças, as situações existenciais que viveram e os outros que não sabem respeitar a individualidade de cada pessoa, os impediram de viver o desenvolvimento da sua personalidade e natureza própria. E assim morrem homens, que nada chegam a ser, porque os obrigaram a descer até ao nada, sem qualquer possibilidade de ressurreição. Mortos, na vida, com vida...

Momento que passas tão levemente e feres tão profundamente os homens, porque lhes pedes compromissos à queima-roupa e os inquietas sem allear, nada levás deles... Eles são morosos no despertar! E levam nas mãos os «negativos» da vida que não sabem enjear, mas que se envergonham de revelar...

Deus, que és Criador e Amor e vives lá no fundo do coração de cada homem, deixa que todo o homem Te encontre, olhando-se com profundidade, olhando os outros com respeito e amor! Nada mais. Nós estragamos-Te, convertendo tua Pessoa em imagem com capricho, em objecto fácil de ganhar e... perder. Tua Doutrina só não desapareceu porque é de uma verdade e liberdade que passam no homem pelo lugar mais requintado — o coração. O sector racional puro é demasiado secundário para aceitá-lo, sem

mais. Quantas vidas esmigalhadas pelo intelectualismo e legalismo — nódoas carregadas de escuro — do Evangelho!

Homens cristãos ou não, a vida é uma ponte que se vai construindo com cimento de amor e igualdade entre nós e os outros! Assim valerá a pena viver; se não, não. Muitos já não acreditam; nem na vida, nem nos sorrisos das crianças, nem em si, nem nos dias de sol, nem em Deus, nem nos homens, nem em nada... Ou talvez acreditem somente nas nuvens cinzentas, acumuladas no céu azul do desejo de viver, que foram cobrindo a face mais bonita que o homem tem, como ser que ama a vida, a Natureza, os outros homens, Deus...

Lutas? Para quê? A não ser para defender os direitos inalienáveis de todo o homem, a igualdade de direitos e deveres no essencial e no tempo, a justiça no sentido amplo e estrito, a paz na prática e na lei, o amor no subjectivo e objectivo. Assim, valerá a pena lutar... e ficará então decretado que a luta só é justa e honesta quando em defesa da liberdade e direitos verdadeiramente humanos, sendo permitido o uso de mísseis anti-alienação e anti-morte.

Quão poucos iriam para esta luta e tanta «luta de classes», acabaria... Mas os que assim lutarem — uma minoria quase invisível — deverão acreditar-se como verdadeiros revolucionários.

O que caracteriza o homem é a sua capacidade de abertura aos outros e a compreensão dos problemas humanos é o potencial de seriedade e verdade que o envolve na sua atracção prática, é a força vivencial de sua inteligência e coração, posta ao serviço do bem. E se este homem assim, é ateu, porque ele o diz, eu vejo Deus lá naquele descampado fértil do seu ser e somos próximo um do outro.

O Reino de Deus vai-se construindo, vivendo o Evangelho de Cristo feito homem em cada homem, a começar nos mais marginalizados.

Padre Moura